AULA 2 DE 7 · NARCISISMO RELIGIOSO

A devoção que quer ser vista

“Evitem praticar as suas obras de justiça diante dos outros para serem vistos por eles; porque, sendo assim, vocês já não terão nenhuma recompensa junto do Pai de vocês, que está nos céus.”

MATEUS 6.1 · NAA

Bispo Ildo Mello

Leitura prévia: Lc 18.9-14; Mt 6.1-18; Mt 5.13-16; Jo 12.42-43; Lc 17.7-10; Mt 25.31-40; Cl 3.23-24

LUCAS 18.9-14

O fariseu e o publicano

Lucas explica a finalidade da parábola antes de contá-la, e é por aí que a leitura precisa começar: Jesus fala a pessoas que confiavam em si mesmas, por se considerarem justas, e desprezavam os outros.

> 9 Jesus também contou esta parábola para alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros:
>
> 10 Dois homens foram ao templo para orar: um era fariseu e o outro era publicano.
>
> 11 O fariseu ficou em pé e orava de si para si mesmo, desta forma: "Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano.
>
> 12 Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo o que ganho."
>
> 13 O publicano, estando em pé, longe, nem mesmo ousava levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: "Ó Deus, tem pena de mim, que sou pecador!"
>
> 14 Digo a vocês que este desceu justificado para a sua casa, e não aquele. Porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.
>
> Lucas 18.9-14 · NAA

A cena é simples e dura. Dois homens sobem ao templo para orar. O fariseu apresenta a Deus o seu jejum e os seus dízimos e monta uma comparação em que sai vencedor. Lucas diz que ele "orava de si para si mesmo", uma expressão que resume o problema inteiro: a oração tinha Deus como destinatário formal e o próprio fariseu como assunto. O publicano, sem ousar levantar os olhos, bate no peito e pede misericórdia. E Jesus conclui que foi este, e não aquele, quem "desceu justificado para a sua casa" (Lc 18.14).

Repare no detalhe que costuma passar despercebido: o publicano nem entra na oração do fariseu como pessoa, e sim como medida. "Nem ainda como este publicano." O outro homem virou um recurso para engrandecer a imagem de quem ora. Até a gratidão pode ser deformada quando o seu conteúdo é a satisfação de não ser "como os demais homens" (Lc 18.11).

A chave da parábola

Todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado

Jesus repete essa frase em outras ocasiões (Lc 14.11; Mt 23.12). Não é uma regra de etiqueta; é o modo como Deus julga. O que o fariseu apresentou como crédito foi contado como dívida; o que o publicano apresentou como dívida foi coberto pela misericórdia.

Lc 18.14; Lc 14.11; Mt 23.12

O QUE A PARÁBOLA CONDENA

Justiça própria e desprezo andam juntos

Jejuar e contribuir não são condenados. O desvio está em usar essas práticas como fundamento de superioridade. Quando isso acontece, o desprezo pelos outros vem logo atrás.

O fariseu jejuava duas vezes por semana, muito além do que a lei exigia, e dava o dízimo de tudo. Nada disso é criticado por Jesus. O problema é o uso: as práticas viraram prova de que ele era melhor. A ligação entre justiça própria e desprezo merece atenção, porque uma coisa alimenta a outra. Quando considero a minha condição espiritual uma conquista que me distingue dos inferiores, fica difícil acolher o pecador, ouvir uma correção ou reconhecer uma virtude em quem discorda de mim.

O publicano, por outro lado, não é aprovado por desprezar a si mesmo como pessoa. Ele simplesmente abandona a pretensão de justificar-se e se lança sobre a misericórdia de Deus. É exatamente o que Paulo descreve quando diz que somos salvos "pela graça", "mediante a fé", "não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8-9). E o versículo seguinte impede o mal-entendido oposto: fomos "criados em Cristo Jesus para boas obras" (Ef 2.10). As obras continuam; o que muda é o lugar delas: deixam de ser fundamento e passam a ser fruto.

CUIDADO PASTORAL

Há uma armadilha na leitura desta parábola: ela pode ser lida de modo farisaico. Basta agradecer a Deus por não sermos como o fariseu. Por isso a aplicação começa em nós, e não nos "fariseus" que conhecemos. Quem conheceu a graça precisa tratar as pessoas de maneira graciosa, inclusive as pessoas que tratam mal os outros.

É preciso também respeitar o contexto histórico. Jesus era judeu, e a sua crítica não autoriza caricaturar todos os fariseus nem o judaísmo. Nicodemos era fariseu (Jo 3.1), e Paulo também (Fp 3.5). O comportamento que Jesus denuncia pode reaparecer em qualquer comunidade cristã, e é isso que nos interessa aqui.

CASO PARA CONVERSAR

Numa reunião de oração, um membro agradece a Deus "por não ser como aqueles crentes que só aparecem no Natal", e cita nomes. Outro, que faltou o ano inteiro, ouve a oração da porta. Na parábola, quem é quem? E o que a comunidade ensinou, sem querer, a quem estava na porta?

MATEUS 6.1-18

A esmola, a oração e o jejum

No Sermão do Monte, Jesus examina as três práticas centrais da piedade judaica e faz a mesma pergunta a cada uma delas: para quem isso está sendo feito?

[1] Evitem praticar as suas obras de justiça diante dos outros para serem vistos por eles; porque, sendo assim, vocês já não terão nenhuma recompensa junto do Pai de vocês, que está nos céus.

[2] Quando, pois, você der esmola, não fique tocando trombeta nas sinagogas e nas ruas, como fazem os hipócritas, para serem elogiados pelos outros. Em verdade lhes digo que eles já receberam a sua recompensa.

[3] Mas, ao dar esmola, que a sua mão esquerda ignore o que a mão direita está fazendo,

[4] para que a sua esmola fique em secreto. E o seu Pai, que vê em secreto, lhe dará a recompensa.

[5] E, quando orarem, não sejam como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos outros. Em verdade lhes digo que eles já receberam a sua recompensa.

[6] Mas, ao orar, entre no seu quarto e, fechada a porta, ore ao seu Pai, que está em secreto. E o seu Pai, que vê em secreto, lhe dará a recompensa.

[16] Quando vocês jejuarem, não fiquem com uma aparência triste, como os hipócritas; porque desfiguram o rosto a fim de parecer aos outros que estão jejuando. Em verdade lhes digo que eles já receberam a sua recompensa.

[17] Mas você, quando jejuar, unja a cabeça e lave o rosto,

[18] a fim de não parecer aos outros que você está jejuando, e sim ao seu Pai, em secreto. E o seu Pai, que vê em secreto, lhe dará a recompensa.

Mateus 6.1-6,16-18 · NAA

A estrutura das três instruções é idêntica, e a repetição é proposital. Em cada caso há a prática (esmola, oração, jejum), a versão dos "hipócritas", que a executam para serem vistos, a sentença "já receberam a sua recompensa" e a alternativa: em secreto, diante do "Pai, que vê em secreto". Entre a oração e o jejum, Jesus ensina o Pai-Nosso (Mt 6.7-15), que é a oração de quem sabe que o Pai "sabe o que vocês precisam, antes mesmo de lhe pedirem" (Mt 6.8).

A palavra "hipócrita" vinha do teatro: era o ator, o que representa um papel diante de uma plateia. Jesus não está dizendo que essas pessoas fingiam dar esmola; a esmola era real. O que estava fora do lugar era a plateia. Quando a finalidade é ser visto, a aprovação humana passa a ser a recompensa desejada, e Jesus adverte que ela será também a única recompensa recebida. A prática religiosa continua a mesma; o que mudou foi a sua direção interior.

A mesma prática	Duas direções
Dar esmola, orar, jejuar. Nada disso é abolido. Jesus diz "quando você der esmola", "quando orarem", "quando vocês jejuarem", e não "se".	Para ser visto pelos outros, com a recompensa já recebida no elogio. Ou para o Pai que vê em secreto, com a recompensa que só ele dá.

Note a expressão que fecha cada uma das três instruções: "o seu Pai, que vê em secreto, lhe dará a recompensa". Jesus não propõe uma devoção sem recompensa; propõe uma devoção que não precisa da recompensa dos outros porque conhece a do Pai. A diferença entre o fariseu do templo e o discípulo do quarto fechado não está na intensidade da prática, e sim em quem eles imaginam olhando.

MATEUS 5.16

Brilhe a luz de vocês diante dos outros

Um capítulo antes, no mesmo sermão, Jesus manda que as boas obras sejam vistas. Os dois textos precisam ser lidos juntos, senão um anula o outro.

> [14] Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada no alto de um monte.
>
> [15] Nem se acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto, mas num lugar adequado onde ilumina bem todos os que estão na casa.
>
> [16] Assim brilhe também a luz de vocês diante dos outros, para que vejam as boas obras que vocês fazem e glorifiquem o Pai de vocês, que está nos céus.
>
> Mateus 5.14-16 · NAA

Em Mateus 5.16 as boas obras são vistas pelas pessoas e as levam a glorificar o Pai. Em Mateus 6.1 as obras de justiça não devem ser praticadas diante dos outros "para serem vistos por eles". A diferença não está na visibilidade, e sim na finalidade. Num caso, a obra é vista e o olhar sobe para o Pai; no outro, a obra é feita para que o olhar pare em quem a fez. A visibilidade, por si só, não determina a infidelidade. A questão é a glória que se procura e o bem que de fato se realiza.

O Novo Testamento dá o critério em várias formas. João registra que algumas autoridades creram em Jesus, mas não o confessavam, "porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus" (Jo 12.43). Paulo pergunta: "Por acaso eu procuro, agora, o favor das pessoas ou o favor de Deus?" (Gl 1.10), e lembra aos tessalonicenses que "jamais andamos buscando elogios das pessoas" (1Ts 2.6). E resume o conteúdo da sua pregação de um jeito que serve de teste para qualquer púlpito e para qualquer perfil: "não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo como Senhor e a nós mesmos como servos de vocês, por causa de Jesus" (2Co 4.5).

1. **Visto para que o Pai seja glorificado**
   A obra aparece, mas o olhar de quem vê é conduzido para Deus. Quem fez a obra pode até ficar em segundo plano, e não se incomoda com isso.

2. **Visto para ser admirado**
   A obra aparece para que o olhar pare em quem a fez. Se ninguém olhar, a obra perde a graça. A recompensa já foi recebida, e é pequena.

APLICAÇÃO

A presença cristã nas redes sociais

Um tema que não existia nos dias de Jesus, mas que cai exatamente sob a sua palavra. As redes sociais são a praça e a sinagoga do nosso tempo, o lugar onde se toca a trombeta.

O mesmo princípio ajuda a examinar a presença cristã nas redes sociais. Publicar uma mensagem, divulgar um trabalho ou prestar contas de uma campanha pode servir à missão; uma igreja que presta contas em público está fazendo algo bom, e a transparência protege a todos. A dificuldade aparece quando pessoas necessitadas viram cenário de autopromoção, quando a exposição vale mais do que o cuidado ou quando o serviço perde o sentido se ninguém souber quem o realizou.

CASO PARA CONVERSAR

Uma equipe distribui cestas básicas numa comunidade. Antes de entregar, pede que cada família pose para a foto segurando a cesta, com o logotipo da igreja virado para a câmera. Uma senhora pergunta se pode receber a cesta sem a foto. O coordenador hesita. O que está em jogo nessa hesitação? Como a mesma prestação de contas poderia ser feita sem transformar a senhora em vitrine?

Não conhecemos perfeitamente as motivações alheias, e é bom não fingir que conhecemos. Deus "vê o coração" (1Sm 16.7); nós vemos o exterior. Podemos, entretanto, observar padrões e, sobretudo, examinar as nossas próprias escolhas. Três perguntas ajudam:

1 ### Consigo ajudar sem registrar?

Se a ajuda só acontece quando pode ser fotografada, a foto passou a ser o objetivo. Jesus recomendou que a mão esquerda ignorasse o que a direita faz (Mt 6.3).

2 ### Aceito que outra pessoa conte a história?

Se a história só pode ser contada por mim e com o meu nome, a história virou monumento. Paulo deixou que outros dissessem quem ele era: "Deixe que outros o louvem, e não a sua própria boca" (Pv 27.2).

3 ### Consigo celebrar um resultado sem destacar a minha participação?

Os justos de Mateus 25 nem se lembravam do bem que tinham feito: "Quando foi que vimos o senhor com fome e lhe demos de comer?" (Mt 25.37). Eles não guardaram registro; o Rei guardou.

Jesus ainda deu aos discípulos uma frase para repetir depois de qualquer serviço: "Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer" (Lc 17.10). Não é falsa modéstia; é a descrição exata de quem trabalha para o Senhor e não para as pessoas (Cl 3.23-24). E Paulo desmonta o orgulho pela raiz com uma pergunta: "o que é que você tem que não tenha recebido? E, se o recebeu, por que se gloria, como se não o tivesse recebido?" (1Co 4.7).

CUIDADO PASTORAL

Esta seção não é uma proibição de publicar. Uma igreja pode e deve comunicar o que faz, convidar, prestar contas, dar testemunho. O exame é de direção, não de quantidade: para onde vai o olhar de quem vê? E o critério vale primeiro para quem publica, e só depois, com muito cuidado, para quem observa a publicação dos outros.

PARA A SEMANA

Três práticas formativas

O serviço em segredo, a oração no quarto fechado e a generosidade discreta não são apenas regras. São práticas formativas: nos acostumam a fazer o bem diante de Deus, inclusive quando isso não acrescenta nada ao nosso prestígio.

1 ### Uma esmola que ninguém saiba

Ajude alguém esta semana de um modo que não possa ser descoberto. Depois observe o que sente quando ninguém agradece. O que você sentir é informação sobre o seu coração.

2 **Uma oração de porta fechada**
Reserve um horário de oração que ninguém conheça, sem contar a ninguém que orou. A oração pública continua; esta é a que Jesus chamou de secreta.

3 **Um jejum sem aparência**
Se jejuar, unja a cabeça e lave o rosto, no sentido de hoje: mantenha o rosto normal, o humor normal e a agenda normal. Só o Pai precisa saber.

A vida do publicano depois do templo não aparece na parábola, mas podemos imaginá-la: um homem que desceu justificado não sobe de novo para se comparar com ninguém. É a diferença que a graça faz. Davi entendeu isso antes do evangelho: "Sacrifício agradável a Deus é o espírito quebrantado; coração quebrantado e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17).

Para usar em grupo. Leiam a parábola em voz alta com duas pessoas fazendo as orações do fariseu e do publicano. Depois perguntem: quem, na comunidade, ocupa hoje o lugar do publicano, o de quem fica "longe"? Em seguida leiam Mateus 6.1-6 e proponham a cada um escolher uma das três práticas da semana, sem dizer qual. No encontro seguinte, ninguém conta o que fez; conversam apenas sobre o que sentiram.

PARA LEVAR DA AULA

A devoção que quer ser vista continua sendo devoção, mas troca de plateia: a recompensa passa a ser o elogio, e ele chega logo e acaba rápido. O fariseu não foi condenado por jejuar, e sim por se comparar; o publicano não foi justificado por se humilhar, e sim por pedir misericórdia. Jesus não proíbe que as boas obras sejam vistas; proíbe que sejam feitas para isso. A pergunta que resolve quase tudo é a de Mateus 6: para quem estou fazendo isto?

FIXAÇÃO

Cartões de memorização

LC 18.9

Para quem a parábola foi contada
Para alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros. A confiança em si e o desprezo pelos outros andam juntos.

LC 18.11

De si para si mesmo
O fariseu orava de si para si mesmo. Deus era o destinatário formal; o assunto era o próprio fariseu. O publicano entrou na oração como medida, não como pessoa.

LC 18.13

A oração do publicano
Ó Deus, tem pena de mim, que sou pecador! Sem levantar os olhos, batendo no peito. Nenhuma comparação, nenhum crédito, só misericórdia.

LC 18.14

Desceu justificado
Este desceu justificado para a sua casa, e não aquele. Todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado.

EF 2.8-10

Graça, fé, obras

Salvos pela graça, mediante a fé, não de obras, para que ninguém se glorie. E criados para boas obras: elas continuam, mas como fruto, não como fundamento.

MT 6.1

A pergunta do Sermão do Monte

Evitem praticar as suas obras de justiça diante dos outros para serem vistos por eles. A obra pode ser a mesma; a plateia é que revela a direção.

MT 6.2,5,16

Já receberam a sua recompensa

Quem toca trombeta, ora nas praças ou desfigura o rosto para ser visto recebe o que buscava: o elogio. Foi o que pediu; é só o que recebe.

MT 6.4,6,18

O Pai que vê em secreto

A frase fecha as três instruções. Jesus não propõe devoção sem recompensa; propõe a devoção que não precisa da recompensa dos outros.

MT 5.16

Brilhe a luz de vocês

As boas obras devem ser vistas para que as pessoas glorifiquem o Pai. Visibilidade não é o problema; a finalidade é.

JO 12.43

Amaram mais a glória dos homens

Autoridades que creram em Jesus e não o confessaram. A busca do reconhecimento humano pode calar até a fé.

2CO 4.5

O que se prega

Não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo como Senhor. Um teste para qualquer púlpito e para qualquer perfil nas redes.

LC 17.10

Servos inúteis

Depois de fazer tudo o que foi ordenado: fizemos apenas o que devíamos fazer. Não é falsa modéstia; é a verdade sobre quem serve ao Senhor.

MT 25.37

Quando foi que vimos?

Os justos não guardaram registro do bem que fizeram. O Rei guardou. A generosidade discreta não precisa de arquivo.

1CO 4.7

O que você tem que não recebeu?

Se tudo foi recebido, por que se gloriar como se não tivesse recebido? A pergunta desmonta o orgulho pela raiz.

AVALIAÇÃO

Teste o que você aprendeu

A alternativa correta está marcada com [certa]. Os comentários ajudam a rever a aula.

1. Segundo Lucas, para quem Jesus contou a parábola do fariseu e do publicano?

a) Para os publicanos e pecadores que o seguiam
Não. Lucas diz expressamente que a parábola foi dirigida a outro grupo, e é isso que orienta a leitura.

b) Para alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros [certa]
Correto. É o versículo 9, e ele já junta as duas coisas que a parábola vai mostrar juntas: a confiança em si e o desprezo pelos outros.

c) Apenas para os doze discípulos
O texto não restringe a parábola aos doze; ela visa quem confiava na própria justiça, onde quer que estivesse.

d) Para os fariseus de Jerusalém em geral
Lucas não diz "fariseus", e sim "alguns que confiavam em si mesmos". O alvo é a atitude, que pode estar em qualquer pessoa.

2. O que a parábola condena no fariseu?

a) Jejuar duas vezes por semana
Jesus não critica o jejum. O fariseu jejuava mais do que a lei exigia, e isso não é o problema.

b) Dar o dízimo de tudo o que ganhava
Contribuir também não é condenado. O desvio está no uso que ele fazia dessas práticas.

c) Orar em pé dentro do templo
A postura e o lugar eram normais na época. O publicano também estava em pé no templo.

d) Usar o jejum e o dízimo como fundamento de superioridade e tomar o outro homem como medida para engrandecer a própria imagem [certa]
Correto. As práticas viraram prova de que ele era melhor, e o publicano virou recurso de comparação. Até a gratidão foi deformada.

3. Em Mateus 6.1-18, qual é a pergunta que Jesus faz a cada uma das três práticas (esmola, oração e jejum)?

a) Para quem isso está sendo feito: para ser visto pelas pessoas ou para o Pai que vê em secreto [certa]
Correto. A estrutura das três instruções é a mesma: a prática, a versão para ser vista, "já receberam a sua recompensa" e a alternativa em secreto.

b) Com que frequência a prática é realizada
Jesus não trata da frequência; trata da direção interior. O fariseu jejuava com frequência e isso não resolveu nada.

c) Quanto se dá, quanto se ora e quanto se jejua
A quantidade não aparece no texto. A questão é a plateia, não a medida.

d) Se a prática é feita na sinagoga ou em casa
O lugar é secundário. Jesus fala em "quarto" e "porta fechada" como imagem da devoção que não busca plateia, não como regra de local.

4. Como a aula concilia Mateus 6.1 ("evitem praticar... para serem vistos") com Mateus 5.16 ("brilhe a luz de vocês diante dos outros")?

a) Mateus 5.16 vale só para os apóstolos, e Mateus 6.1 para os demais
O Sermão do Monte é dirigido aos discípulos em geral. Não há dois públicos.

b) Os dois textos se contradizem e é preciso escolher um
Não se contradizem. Estão no mesmo sermão e tratam de duas finalidades diferentes para a mesma visibilidade.

c) A visibilidade em si não é o problema; a questão é a glória que se busca, a de Deus ou a própria, e o bem que de fato se realiza [certa]
Correto. Em 5.16 a obra é vista e o olhar sobe para o Pai; em 6.1 a obra é feita para que o olhar pare em quem a fez.

d) Mateus 6 proíbe qualquer ação pública da igreja
Não proíbe. Jesus mesmo diz que a cidade no alto do monte não pode ser escondida. O que ele proíbe é fazer a obra para ser admirado.

5. Segundo a aula, qual sinal indica que uma publicação nas redes passou do testemunho para a autopromoção?

a) Qualquer publicação sobre o trabalho da igreja
A aula diz o contrário: divulgar um trabalho e prestar contas podem servir à missão, e a transparência protege a todos.

b) Quando pessoas necessitadas viram cenário, quando a exposição vale mais do que o cuidado ou quando o serviço perde o sentido se ninguém souber quem o fez [certa]
Correto. São os três sinais apontados na aula, e os três dizem respeito à direção do olhar, não à quantidade de publicações.

c) O número de curtidas que a publicação recebe
O alcance não decide a motivação. Uma publicação com muitas curtidas pode glorificar a Deus, e uma sem nenhuma pode ser vaidade.

d) Usar fotos em vez de texto
O formato é indiferente. A pergunta é para quem a obra está sendo mostrada e o que acontece com as pessoas mostradas.

6. Um irmão decide não publicar mais nada sobre o que faz na igreja e passa a criticar todos os que publicam. Qual resposta segue o espírito desta aula?

a) Concordar que publicar é sempre vaidade
A aula não diz isso. Prestar contas e dar testemunho podem servir à missão; o exame é de direção, não de quantidade.

b) Dizer que a motivação não importa, desde que o trabalho seja feito
A motivação importa muito; é o assunto inteiro de Mateus 6. Mas ela é examinada primeiro em nós.

c) Proibir publicações da igreja para evitar o problema
Uma proibição geral apagaria também a luz que deve brilhar diante dos outros (Mt 5.16). O critério é a finalidade.

d) Reconhecer que testemunho e prestação de contas podem servir à missão, examinar as próprias motivações com as três perguntas e não julgar as motivações alheias, que não conhecemos [certa]
Correto. A decisão pessoal de discrição pode ser boa; a crítica aos outros já é o fariseu de volta, agradecendo por não ser como eles.

PARA PENSAR E CONVERSAR

Perguntas para reflexão

Consigo ajudar sem registrar? Aceito que outra pessoa conte a história? Consigo celebrar um resultado sem destacar a minha participação?

Resposta sugerida

Responda cada pergunta com um caso concreto do último mês, não com uma intenção. A primeira revela se a foto virou o objetivo. A segunda revela se a história é sobre a obra ou sobre o autor. A terceira revela se o resultado só tem valor quando o meu nome aparece nele.

Depois faça o exercício inverso: lembre uma ocasião em que alguém fez algo bom e você não foi lembrado, embora tivesse participado. O que sentiu na hora diz mais sobre o seu coração do que qualquer princípio que você defenda.

Por fim, leve a resposta ao Pai que vê em secreto. Ele já viu; o exercício não é para informá-lo, e sim para que você se veja com os olhos dele.

Um irmão diz que a igreja precisa mostrar tudo o que faz nas redes, porque "quem não é visto não é lembrado" e isso atrai pessoas. Como responder com mansidão?

Resposta sugerida

Comece concordando com o que é verdadeiro: a igreja deve comunicar, convidar, prestar contas e dar testemunho, e Jesus disse que a cidade no alto do monte não pode ser escondida (Mt 5.14-16). Publicar não é pecado.

Depois, mostre o outro texto do mesmo sermão (Mt 6.1-4) e pergunte, sem acusar, qual é a finalidade de cada publicação: levar o olhar das pessoas para Deus ou para a igreja e para os seus líderes? Proponha um critério prático, e não uma proibição: nenhuma pessoa assistida vira imagem sem consentimento livre; nenhuma ação deixa de ser feita porque não pode ser fotografada; e a prestação de contas mostra números e resultados, não rostos em situação de necessidade.

Encerre com a frase de Jesus, que resolve a discussão do "quem não é visto não é lembrado": o Pai vê em secreto. A igreja pode ser vista; o que ela não pode é depender de ser vista para fazer o bem.

Como uma igreja pode prestar contas de uma campanha de ajuda sem transformar as pessoas assistidas em vitrine?

Resposta sugerida

Prestar contas é dever, e Paulo cuidou disso com a coleta para Jerusalém, enviando irmãos de confiança para que ninguém o acusasse (2Co 8.18-21). O que se presta contas, porém, são os recursos e os resultados: quanto foi arrecadado, como foi aplicado, quantas famílias foram alcançadas, quem supervisionou. Nada disso exige o rosto de ninguém.

Algumas práticas simples ajudam: fotografar a equipe e os mantimentos, não as famílias; pedir consentimento livre, sem condicionar a ajuda à imagem; contar histórias sem identificar as pessoas, ou deixar que elas mesmas contem se quiserem; e manter uma prestação de contas escrita, acessível a todos os membros, que não dependa de publicação nenhuma.

O teste final é simples: a pessoa ajudada sairia da cena com a dignidade intacta? Se a resposta for não, a campanha ajudou a igreja mais do que ajudou a pessoa.

A devoção que quer ser vista · Aula 2 de 7 do curso Narcisismo religioso. As citações bíblicas seguem a Nova Almeida Atualizada.

Igreja Metodista Livre do Brasil · metodistalivre.org.br/narcisismo-religioso-devocao-vista/

Redigido com auxílio de inteligência artificial, sob orientação, revisão e responsabilidade editorial do Bispo Ildo Mello.